

Editorial

Mais ‘um ano Sísifo’ – na feliz expressão de Edgar Morin (1998) – se apresenta perante a investigação, com novos desafios à escala global, local e transnacional. Não por casualidade, o 14.º volume da revista do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa abre com um primeiro número constituído por artigos recebidos em submissão contínua, sobre temas educacionais, os quais à semelhança dos números congêneres anteriores versam sobre os complexos desafios educativos contemporâneos (Reis et al., 2020).

Nesta que é primeira lavra da nova equipa editorial, em funções desde meados do ano transato, procurou incorporar-se, a partir de olhares epistémica e metodologicamente diversos, um conjunto de respostas e procedimentos que a anterior equipa tão eximamente proporcionou, continuando a garantir a qualidade da publicação, tanto no seu rigor disciplinar, quanto na potencialidade inter e transdisciplinar.

A aprendizagem que a equipa tem vindo a empreender realiza-se, artigo após artigo, número após número, com o peso de uma grande responsabilidade, tal como no mito grego em que Sísifo carrega a pedra como uma condenação dos deuses, num “trabalho permanente e inacabado que implica colocar em causa os resultados e recomeçar, sempre” (Canário & Ó, 2006, p. 1). Ao mesmo tempo, outro mito fundacional daria também conta que na nossa incipiência de aprendizes somos carregadas no ombro de gigantes. Tal como era anunciado no número inicial da *Sisyphus – Journal of Education* pelo primeiro editor Jorge Ramos do Ó (2013), o periódico instituía-se como herdeiro direto da *Sísifo – Educational Sciences Journal*, órgão da extinta Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, com 12 números dados à estampa entre 2006 e 2010, e da *Revista de Educação*, publicada pelo Departamento de Educação da Faculdade de Ciências, por sua vez com outros 37 números publicados entre 1986 e 2011. Reconhecidamente, a *Sisyphus* foi um elemento de charneira na consolidação da comunidade científica do Instituto de Educação da Universidade, ao estabelecer laços de investigação entre as equipas advindas de ambas as instituições que lhe estiveram na origem.

Nos últimos catorze anos, os trabalhos de *Sisyphus* têm comportado novas metas e desafios cada vez mais abrangentes, tanto a modificação do perfil da revista, que passou em 2018 a ser editada exclusivamente em formato digital, quanto na atenção ao público leitor. No editorial do número temático do oitavo volume, a equipa sublinhava o carácter plurilingue da revista. Havia então sido estabelecido um acordo sobre a retirada da língua inglesa como único idioma de circulação, em direção a uma política de maior abertura para os públicos utilizadores do português e do espanhol. Essa estratégia permitiu encurtar a distância com as comunidades de investigação geográfica e culturalmente mais próximas, garantindo, concomitantemente, o impacto internacional em diferentes pontos do globo.

Desde Lisboa, com esse olhar aberto para o mundo, a *Sisyphus* tem procurado adaptar-se ao rápido crescimento dos desafios colocados diariamente à universidade, com a exigência de manter regularmente um periódico científico de circulação internacional, de acesso aberto e publicação gratuita. Desde 2013, a manutenção de uma edição regular de números temáticos a cargo de editores convidados, permitiu o gradual

alargamento da comunidade *Sisyphus*, com a criação de diversas redes de trabalho, que se mantiveram em conexão com a revista, nomeadamente na gestão de leitores e pareceristas. Neste regime, era possível ainda albergar a submissão de artigos de proposta espontânea, mas em 2018 a expressão numérica e a qualidade dos textos envidaram a publicação do primeiro número “integralmente constituído por propostas apresentadas em regime de fluxo livre” (Ó et al., 2018, p. 7).

Estas estratégias deram azo a um cada vez maior reconhecimento por parte de instâncias de fôlego internacional, em que se conta, desde 2024, a indexação da *Sisyphus* pela Web of Science, na coleção ECSI- Emergent Citation Sources Index. A equipa cessante constituída por Pedro Reis como Editor principal, Hélia Oliveira e Paula Guimarães deixa assim um legado fundamental, sem o qual dificilmente poderíamos hoje selecionar entre o elevado grau de qualidade dos artigos submetidos.

Nesta senda, o presente número composto por nove artigos, procura representar, a partir de uma lógica de diversidade e interpenetração disciplinar, uma série de temáticas candentes da agenda da investigação contemporânea em Educação. Os artigos traduzem pesquisas realizadas na Europa e na América do Sul, nomeadamente Portugal, Roménia, Turquia e Brasil; sendo dois dos textos em inglês e os restantes em português. Procurou-se também atender a linhas de investigação diversas, pelo que as temáticas oscilam entre aspetos da política educacional, educação para a ciência e ambientes tecnologicamente enriquecidos. A inclusão das perspetivas teóricas variadas e a incidência em diferentes abordagens metodológicas, com representação de estudos quantitativos, qualitativos e mistos, foi também uma preocupação editorial.

O artigo de Sinem Arslan-Dönmez abre este número, com uma investigação de carácter fenomenológico sobre as universidades da Turquia com o artigo “Educational Leadership in Schools of Foreign Languages”, incidindo sobre as perceções dos docentes acerca dos órgãos de gestão. O estudo indica a necessidade de garantir, desde os papéis de liderança, uma responsabilidade partilhada, sublinhando que o estilo de liderança participativo pode ser uma chave para a garantia de qualidade dos ambientes de ensino e aprendizagem no ensino superior.

Também numa linha mais sensível às políticas educativas, Marisa Mourão e Isabel Macedo interrogam de que modo se tem agilizado em Portugal o Plano Nacional de Cinema, em “Educar para o Cinema na Escola? Um Mapeamento da Integração da Sétima Arte em Instituições de Ensino Público.” Através de uma análise de projetos educativos de escolas públicas portuguesas, desde os níveis pré-escolar ao secundário, complementada com entrevistas aprofundadas a responsáveis escolares, fica demonstrado que o cinema é reconhecido pela sua potencialidade pedagógica, mas é ainda uma estratégia pontual, em particular em disciplinas específicas e com recurso a parecerias externas.

“Tracking the Specificities of Transdisciplinarity in an Educational Program Based on Integrated Music-Programming Teaching: A Longitudinal Study” traduz a investigação de Marius Bănuț ao longo de três anos consecutivos, num programa de ensino musical e programação, por forma a compreender de que modo a transdisciplinaridade pode ajudar a criar uma aprendizagem mais holística. O autor demonstra como a aplicação de programas musicais com uso de tecnologias digitais, em escolas de ensino básico, pode ser uma base para um ensino significativo e eficaz, ao mesmo tempo que garante criticamente a transdisciplinaridade.

Transitando do mundo das Artes para as Ciências, Jéssica Gomes das Mercês, Sandra Escovedo Selles e Edinaldo Medeiros Carmo propõem uma análise de “Pesquisa Narrativa na Educação em Ciências e Biologia: Um Recorte das Atas do ENPEC” – os Encontros de Pesquisa em Educação em Ciências, decorridos entre 2015 e 2019. Este que é o primeiro de seis artigos deste número sobre Educação em Ciências no Brasil, realiza um estudo



bibliográfico com análise de conteúdo, verificando que a pesquisa narrativa é sobretudo apanágio de três grandes temáticas: formação docente, identidade docente, e estratégias de ensino. Os autores defendem que o investimento nesse método é fundamental, pois trata-se de uma ferramenta com grande potencialidade para o desenvolvimento profissional.

O coletivo de autores Kennedy Ramires Mangerot Ribeiro et al. apresenta uma investigação de literacia científica a partir de cartografias afetivas em “Diálogos entre a Cultura Científica e Digital: Práticas Pedagógicas com o Uso de Mapas sobre Biomas, Patrimônio Alimentar e a Sociobiodiversidade”, num recorte específico sobre as oficinas realizadas na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em parceria com uma escola municipal da mesma cidade. O estudo valida a atividade como modo de exponenciar a interdisciplinaridade e o pensamento crítico.

Em sexto lugar, o artigo de Gabriel Parachen, Marcio Vieira de Souza e Milton Luiz Horn Vieira indica como a hibridação digital permite recriar os ambientes de ensino aprendizagem “O Uso do Metaverso na Educação: Um Estudo de Caso em uma Perspectiva de Escolarização Aberta.” Uma vez que se trata de um estudo de caso duplo, identifica claramente uma lacuna de implementação ao nível da oficina de formação docente, ao passo que, na oficina destinada a estudantes de nível médio, houve uma rápida apreensão e desenvolvimento das competências digitais. Esse desfaseamento identificado é um indicador claro de como ainda é necessário investir na formação docente, ao nível de políticas públicas e no financiamento desta área de intervenção.

Incidindo também sobre uma população de estudantes de ensino médio, Achilles Alves de Oliveira, Braian Veloso e Marcello Ferreira dissertam sobre “(Des)Conexão e Conectividade na Cultura Digital: Uma Experiência com Jogos para Atenção e Concentração no Ensino Médio Público do Distrito Federal.” A pesquisa realizada numa escola pública de Brasília, em 2024, permitiu desfazer o mito de serem as tecnologias, por si só, a causa para a dificuldade de atenção experimentada por muitos dos estudantes atuais. Pelo contrário, demonstra-se cabalmente a importância da mediação docente no uso responsável e didático das tecnologias digitais, que podem fomentar a concentração e o pensamento crítico, por exemplo através de jogos concebidos para o efeito.

Numa mesma resposta aos desafios societais, o grupo de investigadores liderado por Guilherme Carvalho Franco da Silveira, mostra como os dispositivos digitais são um recurso indispensável da educação contemporânea em “Tempo de Recreio, Tempo de Formação: A Educação para o Uso de Dispositivos Digitais de Adolescentes da Educação Básica.” A partir de um questionamento do movimento proibicionista de dispositivos digitais no tempo de recreio, a equipa realizou um processo de observação participante e auscultação a docentes e estudantes, evidenciando que a proibição apenas cerceia o problema, ao passo que o letramento digital permite transformar atitudes e comportamentos para o uso responsável de tecnologias.

A encerrar este número de temas educacionais, o nono artigo, assinado por Jomária Alessandra Queiroz de Cerqueira Araujo, Sônia Maria da Conceição Pinto e Silvar Ferreira Ribeiro, explora os “Desafios e Possibilidades da Educação Científica pela Escolarização Aberta”, numa síntese do que podem ser os desafios e as possibilidades trazidos pelos projetos voltados para a Escolarização Aberta. O estudo foi desenvolvido ao longo de dois anos e envolveu estratégias metodológicas de investigação-ação, com recurso a observações participantes, grupos focais, questionários e entrevistas, além de análise de conteúdos destes registos. As problemáticas sociocientíficas e o uso crítico das tecnologias, conforme apontam os autores, facilitam o envolvimento estudantil e a articulação entre escola, universidade e comunidade local.

Consideramos que este conjunto de artigos, pela sua variedade temática, epistémica e metodológica, representa de modo inequívoco como a *Sisyphus* mantém o seu

compromisso com a comunidade de investigação, em prol do desenvolvimento disciplinar da Educação, mas sempre com uma ênfase nas potencialidades inter e transdisciplinares. Consideramos que, além de um olhar arguto e informado sobre a realidade do presente, nas suas diferentes abordagens, estes estudos permitem ainda apoiar a inovação educacional e a contínua busca de diagnósticos e soluções para o ensino e para os diferentes ambientes educacionais. Como equipa, sabemos que estamos na mesma “condenação pelos deuses a que foi sujeito Sísifo de, incessantemente, recomeçar a mesma tarefa” (Ó & Canário, 2007, p. 2). Aguardamos assim por novas submissões, para podermos recomeçar essa aventura do conhecimento.

As editoras da *Sisyphus — Journal of Education*

REFERÊNCIAS

- Canário, R., & Ó, J. R. (2006). Editorial. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 1(1), 1-2. <https://arquivo.pt/wayback/20100602035914/http://sisifo.fpce.ul.pt/?r=1&pre=5>
- Morin, E. (1998). *Um ano Sísifo: Diário de Fim de Século*. Edições Europa-América.
- Ó, J. R. (2013). Editorial. *Sisyphus — Journal of Education*, 1(1), 7-9. <https://doi.org/10.25749/sis.2826>
- Ó, J. R., Matos, J. F., Carvalho, L. M., & Reis, P. (2018). Editorial. *Sisyphus — Journal of Education*, 6(3), 6-7. <https://doi.org/10.25749/sis.15317>
- Reis, P., Oliveira, H., & Guimarães, P. (2020). Editorial. *Sisyphus — Journal of Education*, 8(2), 6. <https://doi.org/10.25749/sis.20481>



SISYPHUS

JOURNAL OF EDUCATION

VOLUME 14, ISSUE 01,

2026, PP 6-9

DOI: <https://doi.org/10.25749/sis.45710>

CC BY-NC 4.0

